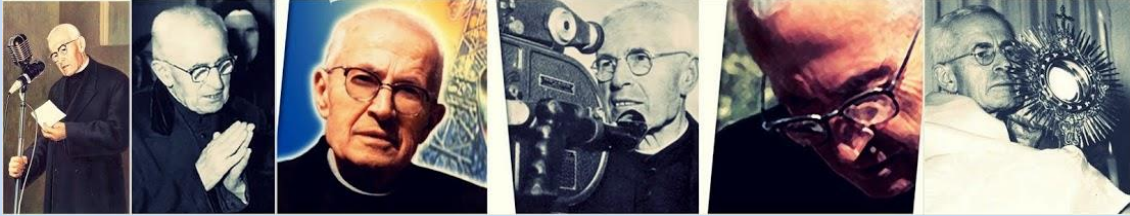


Tiago Alberione¹: Um profeta resiliente

Por *Francisco Galvão*²



1. Resiliência: para uma compreensão conceitual

O termo resiliência tem sua origem no latim *resiliens, resilientis*, do verbo *resilio-resilire* que significa saltar para trás, ser impelido, recuar, retornar a um estado anterior, ou ainda, a capacidade de se recobrar ou de se adaptar à má sorte, às mudanças. O conceito vem sendo utilizado há bastante tempo pela física e engenharia para classificar a elasticidade e poder de resistência dos materiais. “Quando um material resiste a um impacto, deformando-se pouco ou nada, ele é considerado rígido” (AMARAL, 2002). Mais tarde, a Psicologia passa a utilizar o conceito de resiliência para referir-se à capacidade que os seres humanos têm de superar traumas, perdas e grandes sofrimentos. Segundo Grotberg (2005, p.17), a resiliência é a capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade. Boris Cyrulnik (apud Poletti e Dobbs, 2007) define a resiliência como a arte de navegar nas torrentes. Segundo ele, um golpe da sorte é uma ferida que se inscreve em nossa história, não é um destino.

De acordo com Araújo (2006, p. 85-86 apud CHEQUINI, 2007), a resiliência é uma capacidade universal, que permite à pessoa, grupo ou comunidade prevenir, minimizar ou superar os efeitos danosos da adversidade; é um potencial humano presente nos seres humanos em todas as culturas e em todos os tempos, é parte de um processo evolutivo e pode ser promovida desde o nascimento. Segundo Pelletti e Dobbs (2007, p.50), todo ser humano nasce com uma capacidade inata de resiliência, pois existe nele uma tendência inata ao crescimento e ao desenvolvimento.

A abordagem do conceito de resiliência aqui apresentada tem profunda relação com a espiritualidade, visto que esta, segundo alguns estudiosos, resulta ser a mais importante das características da pessoa resiliente e a que mais incide em resultados favoráveis para o manejo da adversidade (LACAYO, 2007). Para Walsh (2005), os sistemas de crenças são forças poderosas na resiliência, são identificados como a capacidade para ressignificar a adversidade dentro de uma perspectiva positiva de transcendência e espiritualidade. As crenças são, na verdade, o coração e a

¹ *Giacomo Alberione, sacerdote católico, um dos grandes expoentes da comunicação social do século XX. Nasceu em San Lorenzo di Fossano, Itália, em 4 de Abril de 1884 e faleceu em 26 de novembro de 1971. Fundador da Congregação dos Padres e Irmãos Paulinos (PAULUS) e da Família Paulina, que agrupa várias congregações e institutos religiosos. Foi beatificado em Roma, no dia 27 de Abril de 2003, pelo papa João Paulo II.*

² *Estudante de Teologia, Faculdade São Bento, SP. Seminarista da Congregação dos Padres e Ir. Paulinos.*

alma da resiliência. Vanistendael e Lecomte (2008) afirmam que uma pessoa resiliente descobre, com frequência, por meio da fé, a possibilidade de ser aceita incondicionalmente.

2. As dores de Alberione: pensamento introdutório

Para compreendermos, de maneira mais profunda, quem foi Tiago Alberione temos de começar não pelos seus inúmeros feitos e edificações, mas pelas pegadas de seu sofrimento. É através de suas dores, lutas e sacrifícios cotidianos que Alberione revela suas maiores virtudes. O sofrimento era a fonte sobre a qual ele podia se debruçar e compreender mais profundamente a vontade de Deus em sua vida. Antes, porém, de ser profeta da comunicação, Alberione teve de aprender a ser profeta do sofrimento. O crucificado, dizia ele, tão detestado, torna-se o nosso modelo, de modo que as dores do Salvador e as do sacerdote fiel têm uma relação: unidos na mesma missão, também ficarão unidos nas provas e nos sofrimentos. “Como sois companheiros nas aflições, assim o sereis na consolação” (2Cor 1,7).

O problema da dor é decerto o maior e o mais grave dos que se apresentam ao homem. Quem não vencer a dor, não vencerá a vida. Compreendê-la é compreender a vida. Ora, só por meio da Revelação divina podemos conhecer a origem, o sentido e a finalidade da dor, pois nem a ciência nem a experiência de vida bastam para explicá-la... A nós, cristãos, é-nos dado vencer a dor. Cremos na salvação, na libertação através da dor, e não na libertação da dor. Só na pessoa e nos ensinamentos de Jesus Cristo encontramos a compreensão perfeita da dor (GRÄF, 2007, p.5).

Quando começamos a estudar Alberione, uma das primeiras perguntas que nos advém é sempre esta: como uma alma tão sofrida conseguiu empreender projetos tão grandiosos? De fato, ele tinha tudo para desistir de seus ideais, mas escolheu continuar sua busca, sempre perguntando sobre a direção do caminho. Só quem não caminha, dizia Alberione, não precisa perguntar a direção do caminho. Não obstante os inúmeros desafios e obstáculos, Alberione permaneceu fiel ao projeto de Deus. Mesmo diante dos inevitáveis fracassos, ele soube em quem depositar sua confiança. Para Van Thuan (2000, p.20), se você procurou, de verdade, fazer a vontade de Deus, cada fracasso pode ser um sucesso aos olhos dele, pois parece ser este o modo de agir que Deus escolheu.

Segundo Lacayo (2007), parece que hoje em dia, quando passamos por realidades de fracasso, nos transformamos em seres altamente indefesos; caímos no desespero e perdemos o valor sagrado da vida; por essa razão, redescobrir nossa espiritualidade resulta numa tarefa urgente. O sofrimento constitui um chamamento a manifestar a grandeza moral do homem, a sua maturidade espiritual. Disto deram prova, ao longo das diversas gerações, os mártires e os confessores de Cristo, fiéis às palavras: “Não temais os que matam o corpo e que não podem matar a alma (Mt 10,28)” (*Salvifici Doloris*, 22).

O Padre Alberione foi com certeza um grande comunicador. E suas formas de comunicação eram as mais diversas, inclusive o silêncio, o gesto, o olhar. Em certo sentido, ele foi um sofredor silencioso. Nunca foi de fazer alarde quantos às suas dores. Embora costumasse recorrer a confessores e conselheiros para buscar orientações, a fonte mais segura era, sem dúvida, a entrega total a Deus. Recolhia-se em seu mundo interior, a fim de compreender mais plenamente suas dores e a vontade do Mestre. O grande dever da alma religiosa, diz Thomas Merton (2003), é sofrer em silêncio (...), pois algumas vezes não há explicação suficiente para justificar o sofrimento. “O sofrimento, diferentemente do prazer, lança a pessoa no silêncio, no

recollimento. O doente reflete sobre si e sobre seu destino, lançando-o numa espécie de avaliação da própria vida, na busca pelo sentido de sua existência” (CALÇADO, 2012, p.100).

Os mais próximos diziam que o Padre Alberione exerceu, sem hesitar, o apostolado do sofrimento, sem jamais se lamentar ou murmurar. Mas, ao contrário, soube transformar o amargo fel do sofrimento em doçura e profunda gratidão a Deus. Neste sentido, afirma Adolphe Tanquerey (2014), certamente um dos autores mais apreciados por Padre Alberione: “O apostolado do sofrimento é, de todos, o mais fecundo”. Para Van Thuan (2000, p.19), o Senhor nos concede a alegria de participar, na nossa vida diária, do mistério da redenção. Para cada um de nós, portanto, o caminho da cruz e o caminho do dever cotidiano coincidem.

A infância sofrida e pobre no campo, a saída inesperada do seminário (na adolescência), o contexto de guerras de sua época, as calúnias, perseguições, a morte da mãe e de alguns colaboradores da missão, os inúmeros sofrimentos físicos... Tudo isso, na ótica da resiliência, funciona como fatores de risco, os quais possuem grande influência no desenvolvimento da pessoa que sofre. Perante tais acontecimentos, a vítima é desafiada a ser forte e resiliente, adotando uma postura que a ajude não apenas a suportar o sofrimento, mas ressignificá-lo a partir de uma nova perspectiva.

3. A fortaleza de Alberione perante a doença

Alberione teve sempre uma saúde muito frágil e inconstante, de modo tal que foi batizado logo no dia seguinte a seu nascimento, pois os pais, percebendo sua fragilidade física, temiam não ver o filho por muito tempo. Mais tarde, conforme descrito pelo quinto teólogo para a causa de beatificação (*Relatio et Vota*), as dores de Alberione puderam ser analisadas com certa profundidade. Concluiu-se que a história dos seus sofrimentos físicos era terrificante. Em 1914 manifestou-se pela primeira vez uma forte dor na coluna vertebral. Ao médico disse certa vez: “Este é um dom que o Senhor fez a mim com a fundação e o levarei até a morte” (Summ., p. 606, § 1102).

Às vezes, está nos desígnios de Deus enviar-nos a doença. Esta, quando santamente vivida, oferece as mais preciosas vantagens do ponto de vista sobrenatural. A doença é a pedra de toque que mostra o valor da virtude de uma alma; se o doente a suporta sem queixa, sem inquietude, inteiramente resignado à vontade de Deus, é um sinal de que possui uma virtude bem fundamentada (Tanquerey, 2014, p.107).

Com o tempo, as fortes dores na coluna só aumentavam, mas Alberione jamais se deixou vencer por elas. Os médicos que o acompanhavam ficavam admirados com sua forte resistência à dor e ao sofrimento. Em 1923 adoeceu gravemente de tuberculose com abundantes hemoptises, mas, após um mês de descanso, pôde retomar seu trabalho; o médico que o assistia disse que lhe havia dado seis meses de vida (Summ., p. 567, § 1007). Contrariando totalmente o diagnóstico, Alberione viverá mais 48 anos.

Em meados de 1949, o Padre Alberione sofreu de varizes no esôfago com grandes hemorragias e, em consequência das transfusões de sangue, sofreu por mais ou menos um ano de hepatite viral. Somente após 1962, submetido a um exame da coluna vertebral, descobriram nela uma escoliose e uma cifose (curvatura da coluna vertebral com corcova) tão acentuadas a ponto de estremecer os radiologistas e ortopedistas, os quais não conseguiam explicar como havia podido por tantos anos suportar a dor atroz daquelas malformações (Summ., p. 447, § 761). Os médicos explicavam que a escoliose pode variar numa escala de dor que vai de 1 (sem dor) a 10 (dor

gravemente incapacitante). No caso do Padre Alberione, que tinha a coluna em forma de “Z”, segundo os especialistas, se enquadrava no número 9 da escala, ou seja, quase no limite de suas forças físicas.

Quando estiverdes doentes, ofereci todas as vossas dores, incômodos e fraquezas a Nosso Senhor suplicando-lhe que os uma aos tormentos que ele suportou por vós. Obedecei aos médicos, tomai os remédios e segui a dieta prescrita por amor a Deus, lembrando-vos do fel que ele tomou por amor de nós. Desejai a cura para prestar-lhe serviço; mas não recuseis a doença em obediência a ele, e disponde-vos a morrer, se ele assim o quiser, para louvá-lo e desfrutar dele (TANQUEREY, 2014, p.109).

Alberione, apesar de suas dores, seguia seu caminho motivado pelas palavras do Mestre: “Neste mundo vocês terão aflições, mas tenham coragem; eu venci o mundo” (Jo 16,33). Para seguir Jesus e amá-lo, afirma Tanquerey (2014), é preciso tomar a sua cruz, aceitar o sofrimento, as privações, as humilhações, as doenças, as enfermidades, os reveses da sorte, numa palavra, todas as cruces providenciais que Deus nos envia para nos provar, nos fortalecer na virtude e facilitar a expiação de nossas faltas. E em caráter de aceitação das doenças e privações está mais que comprovado que o Padre Alberione foi um ser humano exemplar. Soube suportar confiante e pacientemente todas as provações, inclusive as doenças.

Sofrer não é uma opção, pois muitas vezes o sofrimento se impõe. Mas a forma de sofrer é uma escolha nossa. Podemos escolher entre sofrer em silêncio ou chorar e gritar. Podemos buscar o significado por trás do sofrimento ou simplesmente aceitá-lo tal como é. Existem muitas abordagens. Contudo, independentemente da forma escolhida, devemos aprender a melhor maneira de sofrer se quisermos fazer da dor uma ferramenta para o nosso crescimento (BAKER, 2012).

Acerca do sofrimento físico de Alberione, disse certa vez o seu médico: “Padre Alberione, pelo que sei, não usava instrumentos de mortificação: em tal caso eu, como médico, teria constatado. Acrescento, porém, que seu desvio da coluna vertebral em forma de “Z” era mais que um cilício. Nunca o vi impaciente, mas, ao contrário, dócil, sobretudo nos tratamentos médicos” (Summ., pp. 538, § 937). Nos últimos anos de vida, Alberione pesava 49 quilos. Revendo toda sua trajetória de dor e sofrimento dos mais diversos, podemos perguntar-nos se ter chegado à idade de 87 anos não foi um milagre da Providência; certamente foi para o Servo de Deus uma pesadíssima cruz” (*Relatio et Vota*, Voto V, pp. 82-83). Contudo, há uma esperança que é certa: “Se com Cristo sofremos, com ele reinaremos” (2Tm 2,12).

4. Alberione e a loucura da cruz

A fé conserva sempre um aspecto de cruz, certa obscuridade que não tira firmeza à sua adesão³.

O mistério do sofrimento, segundo alguns autores cristãos, não pode ser compreendido senão em relação com o mistério de Jesus e de sua cruz. Para Van Thuan (2000, p.18), se o Senhor permite que você tenha de suportar alguma humilhação por causa de seus deveres, na realidade, ele o está convidando a compartilhar junto com ele a glória da sua cruz. Thomas Merton (2003) comunga da ideia de que a cruz de Cristo é a bússola que orienta o ser humano para o sentido do próprio sofrimento. Para ele, conhecer a cruz não é só conhecer os nossos

³ Evangelii Gaudium, n.42.

próprios sofrimentos, pois a cruz é sinal da salvação, e nenhum homem é salvo por seus próprios sofrimentos. Para Moltmann (2011, p.86), no caminho dos exercícios da cruz, o crente torna-se, em nível espiritual e interior, um “imitador de Cristo”... a fé no Crucificado leva a uma existência conformada à cruz e a Cristo. A cruz de Cristo é assumida como a própria cruz existencial.

Ao permitir que Jesus fosse crucificado, Deus levantou a cruz para nós: crer na cruz de Cristo não significa olhar para um evento mítico que aconteceu fora de nós e do nosso mundo; um evento objetivo contemplável, que Deus nos imputa para nosso bem; mas crer na cruz significa tomar a cruz de Cristo como se fosse a sua própria; significa deixar-se crucificar com Cristo (BULTMANN apud Moltmann, 2011, p.87).

Assim como não seria honesto falar de Paulo sem levar em conta a experiência da cruz, em Alberione acontece a mesma coisa, pois, para ele, sofrer pela cruz de Cristo é motivo de glória. Alberione costumava dizer que “a cruz é o compêndio da virtude, a perfeição da santidade. Não há saúde da alma, nem esperança de vida eterna a não ser na cruz. A cruz é a chave de ouro que abre para nós o céu. Toda a virtude e toda a graça vêm da cruz”. “Agora eu me alegro de sofrer por vocês, pois vou completando em minha carne o que falta nas tribulações de Cristo, a favor do seu corpo, que é a Igreja” (Cl 1,24).

A vida de Alberione, a exemplo do Apóstolo, foi um constante sofrer com Cristo pelas almas. Sua prece era uma só: “Mestre Divino associai-me à vossa Paixão. Mestre Divino, que com o sofrimento e a prece eu socorra a todos os filhos espirituais. Mestre Divino, que eu padeça o quanto devo para que cresça a semente espalhada”. Neste sentido, afirma Van Thuan (2000, p.143), se você se unir à Paixão de Jesus, não só encontrará ajuda para ser corajoso e paciente, mas o seu sofrimento terá um grande valor de redenção.

Spoletini, especialmente no livro “Padre Alberione comunicador do evangelho” (2003, p.52), destaca bem a centralidade da cruz na vida do bem-aventurado e em sua ação apostólica. Ele explica que quando, nas pregações, Alberione acenava o tema da cruz, imediatamente captava a atenção dos seus ouvintes, porque se compreendia que suas reflexões provinham da experiência direta, mas mantida em segredo com grande discrição. Ele costumava repetir em suas pregações que “Jesus remiu-nos com a sua cruz; agora cabe a nós remir o mundo com a nossa cruz”.

Para o seguimento de Jesus é necessário, portanto, carregar a cruz. “Se alguém quer me seguir, renuncie si mesmo, tome a sua cruz e me siga” (Mt 16,24). Para o Padre Alberione, a cruz de Cristo foi como que um escudo de proteção; e ele carregou a sua não apenas com aceitação, mas com verdadeira alegria. Dizia o Padre Alberione: “Ao abraçarmos com alegria a cruz de Cristo, tornamo-nos protegidos contra os inimigos. Quem não é forte a ponto de suportar com paz e amor uma cruz, quem não possui a força para vencer uma dificuldade, quem não persevera, e caído não volta à ação, não pode apropriar-se do céu, porque este é alto e, portanto, é necessário subir os montes da penitência, das cruzes do Calvário, para poder chegar lá”. “Vou esquecer o meu sofrimento e ficar de rosto alegre”... (Jó 9,27). À medida que o homem toma a sua cruz, unindo-se espiritualmente à cruz de Cristo, vai-se-lhe manifestando mais o sentido salvífico do sofrimento (Salvifici Doloris, 26).

Quando o amor à cruz atinge, nos santos, tal grau de magnanimidade que os leva a desejar toda a sorte de sofrimentos interiores e exteriores, para mais se identificarem com o Divino Crucificado e para o ajudarem mais eficazmente em sua obra redentora, quando ele os leva a oferecer-se como vítimas à justiça ou à misericórdia divina, e a gloriar-se nas tribulações, nós o chamamos a loucura da

cruz. Muitos santos, de São Paulo até nossos dias, foram atingidos por essa loucura (TANQUEREY, 2014, p.148).

5. A autotranscendência e o sentido do sofrimento

O sofrimento, enquanto realidade antropológica, faz parte da vida de todo ser humano. “A experiência nos mostra que toda criatura sofre ao longo de sua existência terrena” (Tanquerey, 2014). Ainda que alguém tente, de múltiplas maneiras, lutar contra o sofrimento, jamais conseguirá eliminá-lo de uma vez por todas. O bom uso do sofrimento, diz Bernard Besret (apud Poletti e Dobbs, 2007, p.57), é começar a descobrir nele um sentido para si mesmo, identificar suas raízes escondidas e, depois, combatê-lo através de um trabalho interior que dissipa tudo o que existe de ilusão nele.

No fundo de cada sofrimento experimentado pelo homem, como também na base de todo o mundo dos sofrimentos, aparece inevitavelmente a pergunta: por que? É uma pergunta acerca da causa, da razão e também acerca da finalidade (para que?); trata-se sempre, afinal, de uma pergunta acerca do sentido (*Salvifici Doloris*, n.9). O sofrimento parece pertencer à transcendência do homem; é um daqueles pontos em que o homem está, em certo sentido, “destinado” a superar-se a si mesmo; e é chamado de modo misterioso a fazê-lo (*Salvifici Doloris*, n.2).

As perdas, decepções, crises e desilusões estão sempre presentes nas experiências do ser humano, e este é chamado a encará-las e dar-lhes um novo sentido. Segundo Viktor Frankl (2008), nada no mundo contribui tão efetivamente para a sobrevivência, mesmo nas piores condições, como saber que a vida da gente tem um sentido. Bento XVI, na Carta Encíclica *Spe Salvi* (n.37), enfatiza que não é o evitar o sofrimento, a fuga diante da dor, que cura o homem, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de encontrar o seu sentido através da união com Cristo, que sofreu com infinito amor. Do mesmo modo, afirma a *Lumen Fidei* (n.56), o cristão sabe que o sofrimento não pode ser eliminado, mas pode adquirir um sentido: pode tornar-se ato de amor, entrega nas mãos de Deus que não nos abandona e, deste modo, ser uma etapa de crescimento na fé e no amor.

Viktor Frankl chamou de autotranscendência a abertura radical do ser humano à realidade. “Ser homem necessariamente implica uma ultrapassagem. Transcender a si próprio é a essência mesma do existir humano.” (1990, p. 11). Neste sentido, Alberione soube realizar, não obstante todas as suas limitações e “insuficiência em tudo”, a experiência da autotranscendência, ou seja, soube dirigir sua vida para grandes ideais, sempre com profundo desprendimento e um único desejo: “salvar almas para Deus”.

O ser humano é uma criatura responsável e precisa realizar o sentido potencial de sua vida... a autotranscendência da existência humana. Ela denota o fato de que o ser humano sempre aponta e se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo - seja um sentido a realizar ou outro ser humano a encontrar. Quanto mais uma pessoa esquecer-se de si mesma – dedicando-se a servir uma causa ou amar outra pessoa –, mais humana será e mais se realizará. O sofrimento, de certo modo, deixa de ser sofrimento no instante em que se encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício. Sempre e em toda parte, a pessoa está colocada diante da decisão de transformar sua situação de mero sofrimento numa realização interior de valores (FRANKL, 2008).

As pessoas têm o suficiente com o que viver, afirma Viktor Frankl (2008), mas não têm nada por que viver; têm os meios, mas não têm o sentido. Olhando para a história de Alberione, é fácil perceber o sentido que ele deu a cada experiência de sofrimento. Para ele, sofrer com sentido é um exercício diário e contínuo: “Saber sofrer é verdadeira arte, aliás, a arte mais importante da vida. É preciso aprendê-la e praticá-la. Com efeito, essa arte se aperfeiçoa praticando-a, do mesmo modo que as outras artes, como a música, a pintura etc. Temos de partir do mais fácil ao mais difícil; do pequeno ao grande. Nisso consiste a utilidade dos pequenos sofrimentos”. Padre Alberione costumava dizer que, diante das chuvas e tempestades, é preciso “passar entre uma gota e outra sem se molhar”. Foi exatamente o que ele fez durante toda sua vida. Assumiu suas dores como uma via, de certo modo, necessária à sua própria santificação.

Os santos, de modo geral, foram pessoas que sofreram muito, não um sofrimento egoísta com tendência ao masoquismo, mas um sofrimento fecundo. Embora muitos deles tivessem verdadeira veneração pelo sofrimento – como o próprio Alberione dizia, “as cruces são mais valiosas se forem mais pesadas” –, eles souberam dar sentido a todas as provações e dificuldades da caminhada, em vista de um ideal coletivo capaz de transcender e ressignificar a própria existência. “Milhões de santos, caminhando nas pegadas do Mestre, sofreram e sofrem com alegria” (TANQUEREY, 2014).

Para o Padre Alberione, o real sentido da existência está em sofrer com Cristo e pelas almas. “Penso em Jesus Cristo, amo em Jesus Cristo, quero em Jesus Cristo”, afirmava ele com muita convicção. Portanto, para descobrir o sentido profundo do sofrimento, seguindo a Palavra de Deus revelada, é preciso abrir-se amplamente ao sujeito humano com as suas múltiplas potencialidades. “Sofrer em Cristo, para cumprir a paixão de Jesus Cristo; e na Igreja, para a salvação das almas, de todas as almas”. Eis o sentido que Alberione encontrou para o sofrimento: o amor a Deus, o amor aos irmãos. “O amor é ainda a fonte mais plena para a resposta à pergunta acerca do sentido do sofrimento. Esta resposta foi dada por Deus ao homem na cruz de Jesus Cristo” (*Salvifici Doloris*, 13).

6. Alberione: Homem da esperança

A esperança é aquela certeza mais profunda no ser humano que o faz crer para além das adversidades e peripécias do caminho. Para James F. Drane (2014, p.81), a esperança tem um papel chave a desempenhar em toda abordagem útil do sofrimento. A esperança é a única coisa que previne que o inevitável acúmulo de perdas leve a pessoa ao desespero. “Quem teme ao Senhor, não tem medo de nada e não se assusta, porque o Senhor é a sua esperança” (Eclo 34,14).

Segundo Renato Perino (1985, p.14), os santos são, sobretudo, portadores de esperança e de vida, porque têm em si a vitalidade e a força invencível de Deus, até mesmo no mais duro sacrifício, na aparente falência. Em momentos difíceis, afirma Drane (2014, p.82), a esperança é fundamental. É como o oxigênio para alguém que está se sufocando. Para Van Thuan (2000, p. 196,197), o caminho da esperança está pavimentado de pequenos atos de esperança. Assim, vivendo cada instante na esperança, podemos fazer com que ela chegue a animar a vida inteira. Procuremos ter sempre esperança; não nos deixemos desanimar pelas dificuldades interiores, mesmo que se relacionem com o apostolado.

A vida de Alberione, como vimos até agora, sempre esteve permeada por “atitudes” de esperança. Era um homem que acreditava. Acreditava tanto em seus sonhos e ideais que era capaz de festejar vitória antes mesmo que estes se concretizassem, pois, sua fé e esperança estavam em Deus (cf. 1Pd 1,21). Dizia-se que, quando se impunha uma meta ou um desejo, Alberione costumava ir até o fim. Não abandonava seus projetos no meio do caminho. E isso não se deve

tanto à confiança em suas próprias forças, mas, antes e sempre, por saber esperar em Deus, como fez o salmista: “E agora, Senhor, o que posso esperar? Em ti se encontra a minha esperança” (Sl 39,8).

A esperança se acha integrada à estrutura da consciência humana. Os seres humanos procuram a felicidade, mesmo enquanto passam por grandes dificuldades, graças à influência da esperança. A esperança se acha tão fortemente ligada à vida humana quanto a fé e o amor. O alívio do sofrimento exige um salto de fé, um sentido de esperança e a experiência do amor (DRANE, 2014, p. 84,87).

Certo de que, “na esperança, nós já fomos salvos” (Rm 8,24), Padre Alberione enfatizava que “é urgente mostrar ao mundo os caminhos da esperança anunciados por Cristo”. De tal maneira, ele procurava inculcar no coração dos jovens uma esperança capaz de levá-los aos grandes ideais. “A nossa esperança é sempre essencialmente também esperança para os outros” (*Spe Salvi*, 48). O ser humano precisa de esperança para viver e para continuar a viver. Por isso, ele se abre para qualquer mensageiro que possa trazer-lhe mais esperança (Van Thuan, 2000, p.193).

Em dezembro de 1942, Pe. Alberione me encarregou de organizar uns dias de retiro para jovens, entre natal e 1º do ano. Procuramos fazer o melhor possível, espalhando convites e publicando o evento em vários periódicos. No dia anterior à data marcada, padre Alberione me perguntou quantos jovens já tinham se inscrito. “Infelizmente – respondi – muito poucos, um só”. Respondeu-me: “Mesmo que seja um só, eu preparei o retiro”. Chegando o dia 27 dezembro, quando parecia que o projeto havia fracassado, me enviou ao local de encontro marcado no convite, a estação de trem de Roma. Para minha surpresa encontrei tantos jovens, que lotaram uma caminhonete e um carro. Ao chegar à casa do retiro, o fundador nos esperava para dar as boas-vindas. Em seguida falou-me: “Por que não volta à estação para trazer os outros?”. Voltando à estação, tornei a lotar uma caminhonete e o carro novamente. (BELÉM, Paulinas, 2008, p.52).

O testemunho acima, narrado por um sacerdote paulino, apresenta um Alberione profundamente convicto de sua fé, um homem confiante e cheio de Deus, que não perdia sua esperança mesmo nas situações mais ameaçadoras. Para ele, todas as circunstâncias são favoráveis ao fortalecimento da esperança em Jesus Mestre. Padre Alberione parecia estar sempre imbuído pelas palavras do Apóstolo: “Que o Deus da esperança encha vocês de completa alegria e paz na fé, para que vocês transbordem de esperança, pela força do Espírito Santo” (Rm 15,13).

7. A espiritualidade como pilar de resiliência em Alberione

Meu filho, se você se apresenta para servir ao Senhor, prepare-se para a provação. Tenha coração reto, seja constante e não se desvie no tempo da adversidade. Una-se ao Senhor e não se separe, para que você no último dia seja exaltado. Aceite tudo o que lhe acontecer, e seja paciente nas situações dolorosas [...] (Eclo 2,1-6).

Especialistas como Rivas Lacayo, Stefan Vanistendael, Jacques Lecomte e a pesquisadora brasileira Susana Rocca, dentre outros, apresentam a espiritualidade como um dos fatores que mais contribuem para o desenvolvimento humano do processo de resiliência. Para Lacayo (2007), diante dos sofrimentos e adversidades da vida é preciso dar uma resposta espiritual e não apenas

psicoemocional. Segundo ela, nenhuma crise ou perda é maior que a fortaleza que reside em nosso espírito.

Na visão de Lecomte e Vanistendael (2000), é através da fé não sectária em Deus que uma pessoa resiliente descobre a possibilidade de ser aceita incondicionalmente. As pessoas resilientes testemunham haver sentido uma aceitação incondicional, dentro de uma lógica que transcende a realidade puramente humana: dizem que é um assunto de Deus, que só ele pode amar de tal maneira. Segundo Frankl (2008), muitas vezes, é justamente uma situação exterior extremamente difícil que dá à pessoa a oportunidade de crescer interiormente para além de si mesma.

A experiência com o transcendente, por meio de práticas espirituais, possibilita não apenas a superação das adversidades e sofrimentos, mas, em sentido mais amplo, a autoaceitação das fragilidades e limitações. Deste modo, a espiritualidade, aliada ao processo de resiliência, pode contribuir fortemente para que o homem, em meio ao sofrimento, encontre um caminho, um sentido para suas dores. E este sentido é de caráter não meramente psicológico, mas espiritual. Tavares (2002, p. 45 apud CHEQUINI, 2007) acredita que a noção de resiliência evoluiu do concreto para o abstrato, das realidades materiais, físicas e biológicas, para as realidades imateriais ou espirituais. Para a psicóloga norte-americana Walsh, “a religião e a espiritualidade podem ser recursos terapêuticos poderosos para a recuperação, a cura e a resiliência” (ROCCA, 2013, p. 52).

Segundo Kübler-Ross (1998, p. 18), as adversidades só nos tornam mais fortes. Para Lacayo (2007), talvez as perdas, crises e desafios tenham como propósito ajudar-nos a descobrir a verdadeira resiliência de nossa interioridade. Neste sentido, associar o sofrimento de Alberione ao processo de resiliência não é nenhum mistério, afinal, sua história manifesta claramente o quanto ele soube experimentar a dor como caminho de fortaleza e elevação espiritual. A dor, na visão do bem-aventurado, é uma educadora, é uma fonte de méritos, é força que reforça. Todavia, de onde Alberione hauria tanta inspiração e força para suportar tantas dores e enfermidades? Da profunda intimidade com Jesus Mestre caminho, verdade e vida.

Padre Alberione teve sempre zelo especial pela interioridade, pela vida de oração. Ele viveu com profundidade a mística da cruz e do sofrimento. Segundo Moltmann (2011, p. 68), “a comunhão com Cristo não é alcançada através dos sacrifícios e das boas obras, mas através da mística do sofrimento e da serenidade”. “Oração antes de tudo, acima de tudo, vida de tudo”, era o que ensinava o bem-aventurado. Consciente, portanto, das exigências de sua missão, Padre Alberione não se cansava de repetir estas palavras: “meu apostolado será fecundo na medida de minha vida interior”. “Sejam alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração” (Rm 12,12). O cristão que tem esperança é uma pessoa de oração. Na verdade, o objeto da esperança é também o objeto da oração. A pessoa que tem esperança é um colaborador de Deus (VAN THUAN, 2000, p.194).

Também nós na oração temos que ser capazes de apresentar a Deus as nossas dificuldades, o sofrimento de certas situações, de determinados dias, o compromisso quotidiano de O seguir, de ser cristãos, e também o peso do mal que vemos em nós e ao nosso redor, para que Ele nos infunda esperança, nos faça sentir a sua proximidade, nos conceda um pouco de luz no caminho da vida (Bento XVI, audiência geral, 1.2.2012).

Em Cristo, diz Alberione, a pessoa humana tem o máximo e sobrenatural desenvolvimento. Em outras palavras, ser resiliente significa ser uma pessoa espiritual, ser um com Cristo. “Eu e o Pai somos um”. Quem acolhe Jesus como Mestre e centro de sua vida, não

deve temer o sofrimento, as doenças, as dores. Quem tem a Cristo vence todas as barreiras e adversidades do caminho. A devoção a Jesus Mestre, afirma Alberione, resume todas as demais devoções: apresenta Jesus como a Verdade em que devemos crer, o Caminho que devemos seguir e a Vida que nos é participada.

Na perspectiva da resiliência podemos dizer que há, na história do Padre Alberione, vários fatos e acontecimentos que atestam sua capacidade de ressignificação perante a dor e o sofrimento, dentre eles, a sua suposta “expulsão” do seminário. Entre os sete e oito anos de idade, ele já afirmava que queria ser padre. Quando concluiu o ensino fundamental ingressou, então, no seminário menor da cidade de Bra, Itália, onde prosseguiu os estudos por alguns anos. Entretanto, sua caminhada foi interrompida, não se sabe, ao certo, por que razões. Spoletini diz que sua saída deve-se a uma profunda crise; outros, no entanto, afirmam que fora expulso do seminário devido a mau comportamento e más influências. “Em 1900, a 7 de abril, Tiago foi demitido do seminário. A diretoria alegou que ele não tinha vocação. Julgamento que a história comprovará bastante precipitado” (GOULART, 1984). O fato é que houve um rompimento inesperado e bastante difícil para o jovem Tiago. Ante tal realidade, dois caminhos despontavam à sua frente: desistir de seu grande sonho ou recomeçar e tentar novamente. Sobrevivente ou vítima? Como Tiago reagirá a este difícil acontecimento?

A dor é uma força poderosa que nos empurra para determinada direção. Ela pode nos guiar para a maturidade e a sabedoria ou para o desespero e a alienação. Não podemos escolher o tipo de sofrimento que vamos enfrentar na vida, mas podemos escolher a direção que decidimos seguir. Todo mundo atravessa circunstâncias difíceis na vida. Se essas circunstâncias forem muito difíceis, há duas maneiras de sair delas: como sobrevivente ou como vítima (BAKER, 2012).

Para a resiliência existem alguns fatores de proteção que são indispensáveis nos momentos de crise ou desespero, dentre eles, a aceitação incondicional e o apoio social. Os autores coincidem na importância de que, na situação dolorosa, adversa ou traumática, a pessoa (criança, jovem ou adulto) possa se sentir acolhida e aceita incondicionalmente, pois, como afirma Melillo, o aspecto mais especial e original do enfoque da resiliência “é a ênfase na necessidade do outro como ponto de apoio para a superação da adversidade” (ROCCA, 2013, p. 30). Para Mellilo, Estamatti e Cuestas (2005), o apoio significativo de um adulto ou o amor recebido de seu entorno está na base para o sucesso do desenvolvimento humano e na base do comportamento resiliente; ainda, segundo Rutter (2007), pesquisas recentes mostram que as boas relações interpessoais foram significativamente associadas à resiliência (CHEQUINI, 2007).

Rolfo (1975) narra um fato bastante curioso em relação à aceitação incondicional por parte do irmão de Tiago. Certo dia, Tiago estava meio tristonho e pensativo sentado na calçada de casa, quando sua mãe, atribuindo tal atitude a pura preguiça, mandou que ele fosse com os outros trabalhar na lavoura ou se pusesse seriamente a estudar. Seu irmão, João Luís, que tinha assistido àquela cena, chamou seu irmão a sós e lhe falou cordialmente: “Tiago, vá estudar, e não se preocupe com os trabalhos no campo. Você é muito fraco. Eu vou me esforçar mais e dar um jeito para ninguém notar que você não está trabalhando”. Foi graças ao amor incondicional do Divino Mestre, ao apoio familiar e também de “amigos” que o jovem Tiago conseguiu reunir força e entusiasmo para seguir seus ideais.

Considerando a necessidade do outro como ponto de apoio para a superação da adversidade, os estudos sobre resiliência observam que a acolhida incondicional, a escuta empática, sem preconceitos, e a interpretação desde uma ótica positiva podem motivar o desenvolvimento de um processo de desenvolvimento

resiliente, promovendo a passagem de uma realidade adversa, que dói ou que provoca sentimentos de humilhação, de culpa ou de vergonha, à sensação de paz e de aceitação progressiva da situação traumática (CYRULNIK, 2008, p. 16 apud ROCCA, 2013).

Após sua saída do seminário, Tiago passou mais ou menos seis meses com os pais até ingressar em outro seminário; segundo Rolfo, esse período foi para ele, com certeza, muito melancólico. Em seu diário juvenil, o jovem Tiago irá relatar, mais tarde, suas experiências de sofrimento e angústia: “E agora tenho 18 anos... as desilusões vieram uma após a outra, um abismo após o outro... mas a graça de Deus e Maria me salvaram. E agora, agora tenho vontade de viver... Parece-me que sou ainda forte para viver muito tempo. Que mistério é o coração do homem!” (ROLFO, 1975). “Para ser resiliente e conquistar o direito à felicidade, é preciso desenvolver uma fé firme, uma esperança otimista e um amor incondicional e generoso” (LACAYO, 2007).

Alberione costumava dizer que “ninguém sofrerá mais do que aquele que não quer sofrer”. Para ele, o sofrimento era uma realidade inevitável, porém, aquele que aprende a sofrer com o Mestre jamais fugirá às suas lutas, mas, ao contrário, transformará as adversidades em fonte de verdadeiro crescimento e maturidade. O segredo é não fugir à dor, mas acolhê-la corajosamente. Segundo Van Thuan (2000, p.145), o sofrimento é um fardo pesado só se você, por medo, tentar evita-lo; mas se você quiser aceitar o sofrimento com coragem, ele se tornará uma doce experiência.

Segundo Mellilo (2008, p. 89 apud CHEQUINI, 2007), promover resiliência implica o reconhecimento do outro como ser humano tão legítimo como nós mesmos, e a plena aceitação do outro é o amor, a fonte essencial da produção de resiliência. Para o Padre Alberione, não é diferente. Segundo ele, “o homem deve amar. A vida sem amor é árida, triste, cínica, cética, mal-humorada. É porque não se ama que surgem tantos males e muitas pessoas provocam voluntariamente a própria morte. Oh, como é desprezível a vida sem amor!”. Como diz São Paulo, “o amor tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais passará” (1Cor 7-8).

8. O sofrimento de Alberione como fonte de inspiração e de sentido

Olhando para a inspiradora e comovente história do padre Alberione, o que podemos aprender dele? Em que nos toca sua extraordinária capacidade de sofrer com sentido? Como nos portamos diante do sofrimento e das dificuldades da caminhada? Sabemos aproveitar os tempos difíceis para lapidar a paciência e conservar a esperança na eternidade? Encaramos os sofrimentos como via de santificação ou preferimos ignorar a fecundidade escondida na dor? Somos capazes de nos sacrificar (a começar pelas pequenas renúncias do cotidiano) em prol da missão e dos irmãos de comunidade? Como diz o Papa Francisco, “seguir Jesus comporta a renúncia ao mal, ao egoísmo, e a escolha do bem, da verdade e da justiça, mesmo quando isto exige sacrifício e renúncia aos próprios interesses” (Ângelus, 18 de agosto de 2013).

A união profunda com Cristo na oração e a confiança na sua presença conduzem à disponibilidade a compartilhar os sofrimentos e as aflições dos irmãos. Paulo escreve: “Quem é fraco, sem que eu o seja também? Quem tropeça, sem que me sinta queimar de dor?” (2 Cor 11, 29). Esta partilha não nasce de uma simples benevolência, nem só da generosidade humana ou do espírito de altruísmo, mas brota da consolação do Senhor, do apoio inabalável do “poder extraordinário que

provém de Deus, e não de nós mesmos” (2 Cor 4, 7) (Bento XVI, audiência geral, 30 de maio de 2012).

Segundo José Dias Goulart (1984), o sofrimento físico martirizou Alberione a vida inteira. Contudo, a saúde precária foi-lhe ensinando aos poucos a ser mais calmo e compreensivo. Ele também ia aprendendo a viver sempre mais o Mestre “manso e humilde de coração”. Constatou, portanto, que “nada melhor que a dor sentida na própria carne para a gente compreender o sofrimento alheio”. Grotberg (2005, p. 22 apud CHEQUINI, 2007) esclarece que alguns indivíduos transformados por experiências de adversidades agregam para si maior capacidade de “empatia, altruísmo e compaixão pelos outros” e afirma que esses são os maiores benefícios da resiliência.

E nós, “sofredores de hoje”, somos sensíveis à dor dos irmãos, especialmente daqueles que conosco partilham do mesmo pão do sofrimento cotidiano? Somos “Sirineus” que ajudam a carregar a cruz ou somos (mais) peso para a vida dos que percorrem o caminho conosco? A loucura da cruz, diz Bento XVI, é a de saber converter os nossos sofrimentos em grito de amor a Deus e de misericórdia para com o próximo (Beirute, 14.09.2012). A este respeito alerta-nos o Papa Francisco:

A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolas de sabão: estas são bonitas, mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório. Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença. Habitua-mo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa! (Roma, 8 de julho de 2013).

O mundo contemporâneo, marcado pelo consumismo e pela crença nos prazeres fáceis, tende a “gerar pessoas-máquinas” totalmente aversivas à luta e aos pequenos sacrifícios da vida. De modo geral, as pessoas de hoje, são incapazes de encarar os sofrimentos cotidianos com o mínimo de paciência e aceitação. Nunca se treinou tanto para evitar toda e qualquer realidade que possa causar algum desconforto. As pessoas querem o sonho, mas ignoram os desafios que esse sonho exige. Querem o amor, mas não estão aptas à renúncia necessária para hospedar o Amado. Como disse Alberione, “o amor que não leva ao sacrifício é uma farsa, é um sentimentalismo. O amor se prova com o sacrifício”.

9. Considerações finais

O amor do sofrimento é o que nos faz verdadeiramente felizes⁴.

Visitar a história do Bem-aventurado Tiago Alberione sob a ótica da resiliência possibilitou-nos descobertas fascinantes, sobretudo no que concerne à sua capacidade interior de dar sentido a todo sofrimento vivido. Sua profundidade espiritual foi a molamestra que o conduziu à superação de realidades humanamente impossíveis de serem superadas sem o auxílio divino. “A intenção profunda de toda religiosidade é favorecer nosso caminho para o desenvolvimento espiritual. Em certo sentido, a resiliência é uma maneira de descobrir o potencial espiritual que sempre pode gerar reações favoráveis ao pensamento e à conduta humana” (LACAYO, 2007).

⁴ *Meditazioni di G. Alberione alle FSP, Grottaferrata, 1947, p. 235.*

Para Tanquerey, todos nós somos chamados a sofrer, mas nem todos no mesmo grau, nem da mesma forma: cada um deve seguir, quanto a isso, a sua vocação, a ela respondendo generosamente. O sofrimento, que é tão desagradável do ponto de vista humano, torna-se fonte de santificação e de apostolado quando sabemos aceitá-lo amorosamente, em união com Jesus agonizante e crucificado. O sofrimento, quando bem aceito, pode tornar-se a fonte ou a ocasião dos maiores bens. E foi exatamente esta a experiência feita pelo Padre Alberione. Ele não apenas aceitou o sofrimento, mas o viveu com sentido profundamente cristão, ou seja, sofreu com amor e profundidade espiritual. E como nos ensina a sabedoria dos nômades da estepe de Mongólia (LACAYO, 2007), nem sempre se pode desfrutar da serenidade e da paz. Porém, a adversidade e a dor não têm a última palavra. Mesmo que a grama tenha sido queimada pelo fogo da estepe, esta, com certeza, vai crescer de volta e mais forte do que antes.

Portanto, a vida e a história do Padre Tiago Alberione (e de tantos outros “santos”) comprovam que espiritualidade e resiliência percorrem de mãos dadas o caminho da humanidade. Não há como separá-las. A ausência de uma enfraquece o poder da outra. É através da busca interior que o ser humano, perdido no abismo de sua dor e da falta de horizonte, reencontra a luz para seguir o seu caminho. Deste modo, a pessoa espiritual não somente resiste às peripécias e às adversidades da vida, mas aprende a ressignificá-las por meio do amor transcendente. Resiliência e espiritualidade são, portanto, a via de elevação de todo sofrimento humano, sem as quais não é possível encontrar o real sentido da existência.

Referências

- AMARAL, O. C. *Curso básico de resistência dos materiais*. Belo Horizonte: Artes Gráficas Formato, 2002.
- FRANKL, Viktor. *Em Busca de Sentido*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SPOLETINI, Domenico. *Padre Alberione comunicador do evangelho*. São Paulo: PAULUS, 2003. P.50.
- ALBERIONE, Tiago. *Caminhar para onde?*. São Paulo: PAULUS, 2000.
- ROLFO, Luis. *Padre Alberione*. São Paulo: PAULUS, 1975.
- VANISTENDAEL, S., LECOMTE, J. *La felicidad es posible*. Paris: Gedisa editorial, 2000.
- TANQUEREY, Adolphe. *A divinização do sofrimento*. São Paulo: Cultor de livros, 2014.
- LACAYO, Rosa Argentina Rivas. *Saber crecer: resiliencia e espiritualidad*. España, Urano, 2007.
- ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, espiritualidade e juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.
- MERTON, Thomas. *Homem algum é uma ilha*. Rio de Janeiro: Verus, 2003.
- DRANE, James f. *Alívio para o sofrimento e a depressão*. São Paulo: PAULUS, 2014.
- CHEQUINI, Maria Cecilia Menegatti. *A relevância da espiritualidade no processo de resiliência*. Psic. Rev. São Paulo, volume 16, n.1 e n.2, 93-117, 2007.
- Bento XVI. Carta encíclica *Spe salvi*, sobre a esperança cristã. Vaticano 2007.
- João Paulo II. Carta apostólica *Salvifici doloris*, sobre o sofrimento humano. Vaticano 1984.